

COIMBRA • 2017

62

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A EPIGRAFIA COMO ELEMENTO DIDÁTICO (XXXV): A VOZ DE DEUS NO LINTEL DAQUELA PORTA

**THE LATIN EPIGRAPHY AS A DIDACTIC ELEMENT (XXXV):
THE GOD'S VOICE ON THE LINTEL OF THAT DOOR**

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA, ARTES E CIÊNCIAS DO
PATRIMÓNIO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

jde@fl.uc.pt

[ORCID.ORG/0000-0002-9090-557X](https://orcid.org/0000-0002-9090-557X)

87

ARTIGO RECEBIDO A 28-03-2017 E APROVADO A 19-06-2017

Resumo: Lê-se, interpreta-se e procura mostrar-se o alcance histórico de uma inscrição, gravada no lintel de uma porta, em zona tradicionalmente ocupada nos séculos XVI e seguintes por cristãos-novos. Trata-se de uma passagem do livro do profeta Habacuc, que assume aqui um carácter verdadeiramente apotropaico. Aproveita-se o ensejo para tecer considerações acerca da fidelidade das traduções.

Palavras-chave: cristãos-novos; Habacuc; tradução.

Abstract: We read, interpreted and tried to demonstrate the historic importance of an inscription engraved in a door's lintel of a house situated in a region who lived, in the XVI century and also after, a community of *cristãos-novos* (the Jews become Christian by the

Portuguese law). It's a little text of the prophet Habacuc's book, very significant as apotropaic against the «enemies». The question of the fidelity in the translations is also discussed.

Keywords: Jews; Habacuc; translation.

Conta-se que a dissensão entre Católicos e Ortodoxos teve por base a interpretação da expressão *filioque*, pois a Ortodoxos não parecia lógico que o Espírito Santo tivesse «nascido» do Pai «e do filho». Diversidade de interpretações é o que mais surge, aliás, no nosso dia-a-dia, mormente no campo do discurso político: «Fui mal interpretado... Não era isso o que eu queria dizer... Retiraram a frase do contexto!...».

No caso da Bíblia, quer se parta do Grego quer nos baseemos na Vulgata, em Latim, há sempre possibilidade de a uma palavra se dar interpretação diversa daquela habitualmente tida como canónica. Recentemente essas questões se puseram entre nós, portugueses, por ter aparecido nova tradução que bole – ou parece bulir – com os conceitos tradicionais. E se, como reza um prólogo italiano «*Traduttore traditore*», 'o tradutor é sempre um traidor', todos podem ser iguais, mas há uns que serão mais traidores que outros!...

Vêm estas considerações a propósito de uma epígrafe, de que já tive ocasião de dar conhecimento¹, mas a que – nesse contexto de tradução e interpretação – talvez valha a pena voltar, porque é importante ouvir a voz de Deus gravada no lintel daquela humilde porta de uma casa meio perdida e abandonada em Alverca da Beira, aldeia que já chegou a ser freguesia do concelho de Pinhel. Zona de muitos vestígios judaicos – ou de cristãos-novos, se se preferir – e só assim se compreende que haja sido evocada a voz de Iavé através de um texto do quase desconhecido profeta Habacuc, ainda que não tenha passado despercebido ao Aleijadinho, que o incorporou no cortejo de profetas que, pela enorme escadaria em ziguezague, nos acompanha, em Congonhas do Campo

1 Encarnação 2017.

(Minas Gerais, Brasil), ao celebrado Santuário do Bom Jesus de Matosinhos... Como se sabe – e um amigo teve a gentileza, que muito agradeço, de me chamar a atenção para a oportunidade de acrescentar algumas achegas a este apontamento, ainda que seja uma questão lateral em relação ao tema do artigo – «muitas comunidades judaicas se fixaram na zona da raia, vindas de Castela, onde a expulsão e conversão forçada começou mais cedo. Zona de estabelecimento de marranos. Por exemplo, na Beira Baixa, mais concretamente em Belmonte, manteve-se uma comunidade judaica marrana. E, na Covilhã, descobriu-se uma Torah, escondida numa parede... Vide, a título de exemplo, as seguintes notícias dadas a conhecer na Internet: «<http://www.dn.pt/sociedade/interior/empregueiro-da-covilha-descobre-tora-com-400-anos-5391107.html>; <http://ideiaspoligraficas.blogspot.pt/2016/09/documento-judaico-encontrado-na-covilha.html>».

I - O livro de Habacuc

89

Importa, pois, antes de mais, situar o escrito de Habacuc, de quem, aliás, nada se sabe. Pelas alusões que ali se fazem, supõe-se que terá sido redigido nos primeiros anos do século VII a. C., possivelmente pelo ano de 612, uma vez que há alusão ao aparecimento dos Caldeus no quadro da política internacional, o que pode relacionar-se com a queda de Nínive e a diminuição do poder dos Assírios. Na verdade, o Profeta começa por se mostrar indignado ao verificar que os justos tanto padecem, enquanto os ímpios gozam a vida. Isso expõe a Deus, o Qual lhe responde que Judá será castigado: virão os Caldeus, que, instrumentos da cólera divina, pesada derrota lhe vão infligir. Perante essa resposta, o Profeta rejubila e reza, proclamando, no capítulo III, a força do Senhor.

São, pois, três as partes principais desse pequeno livro do Antigo Testamento: na primeira, a lamentação perante tantas desgraças a

que assiste, como que investivando a Deus por tal consentir: porque triunfam os ímpios, Senhor? Há, na segunda, a resposta de Deus:²

«Escreve esta visão, grava-a em tabuinhas, para que se possa ler corretamente» (Hab. 2, 2).

E prossegue:

«Assim como o vinho engana quem o bebe, assim o homem soberbo perderá o seu brilho» (Hab. 2, 5).

Perante as palavras apaziguadoras de Deus, Habacuc dá conta do que o Senhor fará contra os ímpios (é a terceira parte) e termina dizendo:

«Javé, meu Senhor, é a minha fortaleza, o qual me dá pés como os do veado e me faz andar nas alturas (Hab. 3, 19).

90

II - A inscrição de Alverca da Beira

Teve o meu antigo aluno Filipe Pina a gentileza, que penhoradamente lhe agradeço, de me comunicar que, ao passar pela Rua de S. Sebastião e pelo Beco de S. Sebastião, em Alverca da Beira, do concelho de Pinhel, e ao ver estranhas 'garatujas' no lintel da porta de uma das casas, não hesitou: fotografou-as e enviou-mas. Em escrita cursiva de certa elegância, encimado a meio por uma espécie de estrela, o texto distribuía-se por duas linhas.

Estranhas, de facto, também a mim me pareceram, designadamente por estarem em cursivo, o que não é habitual em inscrições deste tipo, onde o uso das capitais é predominante. Consegui ler a palavra Habac(uc)

2 Sigo a *Bíblia Sagrada*, Editora Bíblica, 3ª edição, Lisboa, 1968.

e foi preciosa ajuda (bem haja!) a do meu amigo Padre Afonso Cunha, da paróquia de S. Brás de Alportel, ao ler a primeira palavra, grafada, na verdade, de forma singular: *stetit*. O resto leu-se bem:

Stetit, et mensus est terram.

Habac. Tert(io) in Cap(itulo)

Estacou e mediu a terra

Habacuc, no 3º capítulo

A frase completa, em latim, segundo a versão da Vulgata (Hab. 3, 6), é a seguinte:

Stetit, et mensus est terram; aspexit, et dissolvit gentes, et contriti sunt montes saeculi: incurvati sunt colles mundi ab itineribus aeternitatis eius.

As traduções que se apresentam não são coincidentes nem seguem à letra o que lá está escrito. Proponho:

«Estacou e mediu a terra; observou e dissolveu os povos e ficaram desfeitos os montes seculares: aplanaram-se as colinas do mundo pelos caminhos da sua eternidade».

Ou seja, perante o avanço do «mal», Deus manifestou o Seu poder, semeando a destruição. Uma divindade justiceira, portanto, que dá liberdade só até certo ponto, porque actua depois em toda a Sua plenitude.

Contudo, a tradução que apresentei e que se me afigura correcta, ou seja, no passado (*stetit*, a 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito de *stare*; *mensus*, o particípio passado de *metior*) não corresponde exactamente ao que vem na 3ª edição da *Bíblia Sagrada* (Difusora Bíblica, Lisboa, 1968, p. 1608):

«Pára e faz tremer a terra. Olha e faz vacilar as nações. As montanhas eternas são reduzidas a pó. Desfazem-se as colinas antigas, Seus caminhos de sempre».

Há, aqui, uma interpretação bastante livre, que, inclusive, em meu entender, faz diminuir a força que a frase comporta. Perante as queixas de Habacuc, Deus toma uma posição firme; por isso, «estacar» é parar de repente, é fincar os pés no chão, é manter-se firme. Por outro lado, *mensus est* não pode significar «faz tremer». Compreende-se: o Senhor estacou e, antes de tomar uma decisão, lança um olhar sobre a terra, mede-a, esquadrinha-a, vê bem o que nela se passa, a fim de confirmar – parece!... – o que Habacuc lhe narrara. E só depois actua.

E nada mais vem no lintel.

III - O significado da epígrafe

Ao epígrafista-historiador compete, pois, interrogar-se: porquê? Já tive ocasião³ de referir que, numa sepultura do cemitério da Guia, em Cascais, para além dos dizeres habituais dum epitáfio, estão gravadas duas enigmáticas linhas:

1 Pedro 1 : 3

Atos 24 : 15

Completamente estranhas para o vulgo, detêm pleno significado para quem está dentro do horizonte espiritual a que o defunto pertencia, as Testemunhas de Jeová, e essas passagens consubstanciam a crença na ressurreição final:

3 Encarnação 2016: 44.

«Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na Sua grande misericórdia nos regenerou pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva» (1 *Ped.* 1, 3).

«Tenho esperança em Deus de que há-de haver ressurreição» (*Act.*, 24, 15).⁴

Cumpra, pois, interrogarmo-nos acerca do ambiente em que esta epígrafe de Alverca da Beira surgiu. E não nos custa ver aí mais um testemunho da presença de cristãos-novos, dos poucos que poderiam ter presente no quotidiano um livro quase desconhecido do Antigo Testamento. E, afinal, tal como na epígrafe do cemitério da Guia, não é preciso dizer mais nada: o Senhor estacou, mediu a terra e... em função do que viu, vai tomar as suas providências.

A frase funciona, por consequência, como verdadeiro talismã, dotada de todas as propriedades apotropaicas necessárias nas circunstâncias vigentes. Colocada sobre a porta da casa, a frase ajudará, por conseguinte, a afastar dela as forças «do mal», «do inimigo». A ameaça não se especifica; nem é preciso, porque os seus destinatários facilmente a subentendem, como acontece connosco: «Se não tiras a mão daí...» – e tudo fica em suspenso, qual certa espada de Dâmocles.

ooo

Enveredei hoje, propositadamente, por outro caminho, ainda que mantendo-me no domínio do Latim. E a intenção, para além das questões relacionadas com a fidelidade das traduções, é a de incitar a olhar-se cada vez mais activamente para o que nos rodeia. Essa frase que Filipe Pina fotografou fora vista seguramente por milhares de pessoas e

4 Repare-se que, tendo o falecimento ocorrido a 4 de Novembro de 2004, não havia essas regras do chamado Novo Acordo Ortográfico e a palavra *Actos* vem grafada sem C, porque os livros das Testemunhas de Jeová têm... edições brasileiras!

jamais alguém se interrogou – que eu saiba – acerca do seu significado e do seu alcance histórico. Dos livros clássicos, ainda que se descubram de vez em quando versões ignoradas, perdidas em remotas prateleiras de ancestrais bibliotecas, temos já uma ideia mais ou menos formada, porque na sua transcrição se esmeraram os copistas medievais; agora, os letreiros, as frases inscritas nas pedras têm atrás de si uma intenção, foram escolhidos de propósito e revelam, como foi o caso, o ambiente específico que determinou a sua escolha. Daí o seu real valor!

BIBLIOGRAFIA

Biblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam - editio electronica plurimis consultis editionibus diligenter præparata a michaele tvveddale [...], Londres, 2005.

Bíblia Sagrada, Editora Bíblica, 3ª edição, Lisboa, 1968.

94

Encarnação, José d' (2016), «Formulários epigráficos cristãos – inovação e continuidade», in Encarnação (José d'), Lopes (M. Conceição) e Carvalho (Pedro C.) [coord.], *A Lusitânia entre Romanos e Bárbaros*, Edição do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, Coimbra – Mangualde: 44. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/31765> p. 44.

Encarnação, José d', «O profeta Habacuc em Alverca da Beira», *Renascimento* [Mangualde], nº 701, 01-02-2017, 11. Acessível em <http://hdl.handle.net/10316/36632>.